

**"E NOS ABRAÇAREMOS FIDELÍSSIMOS" — A AMIZADE
ENTRE MÁRIO DE ANDRADE E CARLOS LACERDA**

Cassiano Nunes

Lembranças vagas da juventude distante, em que convivi bastante com algumas das figuras mais prestigiosas do meio literário paulista, deixaram-me na mente, de modo ambíguo, é verdade, a idéia de que Mário de Andrade não teria sido um apreciador de Carlos Lacerda e que as relações entre os dois, distanciados um do outro nos modos de sentir e de pensar, não teriam sido perfeitas... Alguém (não me lembro de sua identidade) ter-me-ia mesmo dito de maneira clara: "Mário de Andrade não gostava de Carlos Lacerda". Movido de certo por essa desconfiança informe é que indaguei à arquivista Lina Yamaguti que, na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, fez a leitura e a classificação da correspondência do combativo político, em boa hora adquirida, justamente com a sua biblioteca, por aquela instituição, se havia, no acervo em questão, cartas de Mário de Andrade. Fiquei satisfeito ao saber que havia se bem que em quantidade pequena. Tratei logo de obter cópias das mesmas. O material epistolográfico decorrente desse relacionamento que durou um bom número de anos — uma década pelo menos — encontrado por Lina, é parco mas mesmo assim impulsionou-me a estudar o assunto e revelar os documentos, de qualquer forma valiosos. Neste trabalho, valho-me da leitura dessas missivas e de algumas obras que já citarei para chegar não a certas conclusões, mas a certas interrogações. Sou daqueles que, no mundo, faz perguntas, humildes perguntas, sem esperar pelas respostas. Não partilho das certezas dos dogmáticos. Espero apenas, pois, que esta análise baseada na documentação epistolar, em confidências pessoais, possa oferecer, aos que dela tomarem conhecimento, algumas sugestões fecundas. Os livros a que recorri, são os de correspondência do autor de *Macunaíma* — especialmente as cartas dirigidas a Murilo

“E nos abraçaremos fidelíssimos” — a amizade entre M. de Andrade e C. Lacerda

Miranda e Moacyr Werneck de Castro —, o vibrante testemunho deste último intitulado “*Mário de Andrade — Exílio no Rio*”, o *Depoimento* de Carlos Lacerda, que revela menos o seu autor do que o planejamento do ominoso levante de 1964 e *A Casa de Meu Avô*, conjunto de reminiscências do mesmo político e escritor.

O empolgante livro de Moacyr Werneck de Castro ofereceu-me valioso apoio, pois nele o referido intelectual descreve a estada de Mário na antiga Capital Federal entre 1938 e 1941. A segunda parte dessa obra é constituída pela correspondência que o herói de 22 enviou a Moacyr, correspondência importante como toda que foi escrita pelo poeta de *Paulicéia Desvairada*. Felizmente já foram publicados vários volumes divulgando essas missivas, que poderemos chamar de fecundas, pela riqueza de idéias, pelo que tinham de germinativo, sobretudo no que se refere às áreas de Estética e de Poética. Cartas também reveladoras pelo que mostram do Mário íntimo, oculto, pois segundo o que ele mesmo afirmava, “o maior tempo da nossa existência nós o empregamos em nos escondermos do que somos terrestremente”. Esta sentença é colocada por Moacyr Werneck de Castro como epígrafe de sua obra. É lamentável que Monteiro Lobato, que revelou na monumental *A Barca de Gleyre* o seu gênio de epistológrafo, não tenha conseguido uma edição maior, mais opulenta, das numerosas cartas que escreveu. Até hoje, por exemplo, não foi publicada a sua correspondência com esse intelectual múltiplo e benemérito que foi Artur Neiva, membro da elite científica formada por Osvaldo Cruz. No Rio, chegou Mário ao raiar dos seus quarenta e cinco anos. Esse paulistano empedernido deixara a sua cidade natal por motivo de desgosto, decepção. As mudanças políticas que são sempre abaladoras, e, no Brasil, derruem muito do pouco que quotidianamente se pode criar, afastaram-no da sua grande criação, o Departamento de Cultura de São Paulo. Grande, especialmente, pelo que tinha de promissor, no sentido da educação de nossas massas populares desamparadas. A semente dos *Cieps*, nunca assaz louvados, de Darcy Ribeiro, já se encontrava no lembrado Departamento de Cultura.

Convém lembrar que, nessa época, antes do terrível processo de deterioração de nossas cidades grandes, o Rio de Janeiro ainda correspondia à denominação consagrada de “Cidade Maravilhosa”, que lhe deram Judith Gautier e a marchinha de André Filho. A uma natureza edênica, da maior beleza e fantasia, unia, à alegria paradisiaca, um bom humor prazeroso e criativo. Mário, paulista reservado, de educação religiosa rigorosa e

freado por uma sociedade altamente policiadora, pôde, no ambiente eufórico do Rio, descobrir uma vivência mais liberada que correspondia, de modo surpreendente, às profundas aspirações arlequinais do seu ser. Desta maneira, escreveu a Murilo Miranda: "O que o Rio me deu de bom foram as companheiragens, as conversas de bar, o espetáculo estranhíssimo das vossas vidas. Pra mim, as vossas vidas foram um mundo novo, quase incompreensível..." Referia-se a um grupo de jovens, ao qual se ligou por forte amizade no Rio de Janeiro. Esse grupo pode ser denominado de "grupo da Revista Acadêmica", formado pelo já referido Murilo, que foi o criador e o mantenedor da Revista, Moacyr Werneck de Castro, seu primo Carlos Lacerda e Lúcio Rangel, que provavelmente estimulou Mário a apreciar o samba carioca — essa fonte de encantos soterrada pela acachapante avalanche das multinacionais roqueiras. O nome dessa revista se explica porque nasceu na Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro. Constitui uma publicação de estudantes inteligentes e bem informados (foi fundada em 1934), que tem uma certa semelhança com *Clima*, mensário aparecido em 1941 em São Paulo, empreendimento de Antônio Cândido, Rui Coelho, Lourival Gomes Machado, Décio de Almeida Prado, Lauro Escorel, Gilda Morais Rocha e outros. Apenas estes jovens tinham uma formação mais sólida do que os colaboradores jovens da *Revista Acadêmica* porque abeberada na nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, enriquecida pela contribuição de grandes mestres europeus, de maneira especial franceses. Professores do nível internacional de Levi-Strauss, Ungaretti, Jean Gagé, Pierre Monbeig, Pierre Deffontaines e outros.

O acervo do Arquivo da UNB, quanto ao assunto presente, é constituída de quatro cartas de Mário de Andrade, três delas dirigidas a Carlos Lacerda e uma a Murilo Miranda. Completa a coleção referente a esse relacionamento afetivo e intelectual a cópia de uma carta de Lacerda a Mário, sem assinatura. Evidentemente, as cartas do jornalista fluminense ao erudito paulista fazem parte do arquivo deste, conservado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP, e, devido a recomendação testamentária do vate de *Lira Paulistana*, o seu conhecimento é vedado ao público e aos pesquisadores. A cronologia da correspondência está perfeitamente explícita, o que facilita muito a nossa análise.

A primeira carta do conjunto, dirigida por Mário a Carlos, foi datada de 15 de março de 1941. A nossa leitura dessa correspondência começa em ambiente enuviado, pois a carta de Mário é uma longa e exaustiva explicação a uma resposta "argu-

lhosa e feroz" de Carlos a uma carta anterior do contista de *Belazarte*. Mário teria apostado, na dita carta, um sobrescrito que Carlos considerou "advertência irônica". Mas Mário, com paciência, esclarece: "Só que não era advertência irônica, palavra de honra. Poderá ser brincadeira, podia ser até caçoada, alguma caçoadinha leviana em que não pus aquele necessário pensamento sobre os efeitos que ela poderia causar". Mário busca, então, detectar as causas inconscientes que podem ter provocado a explosão do jovem literato e espírito político. Desta maneira, Mário explica o seu pensamento: "Mas imagino principalmente o que botei no sobrescrito foi apenas a espoleta que fez estourar as angustiadas pólvoras que você está ajuntando no seu espírito. Espírito turvo, nebuloso, incerto, interrogativo, como o de qualquer pessoa séria honestamente humana em nosso tempo. Daí a explosão em que, minha sensação me diz que você procurou se justificar muito mais a si mesmo que a mim. A mim você não precisa se justificar, eu justifico você, eu sei muito bem quem você é, pelo menos naquelas partes psicológicas do seu ser em que você pode participar da vida em comum, da vida que não é só você e em que eu posso gostar, admirar e amar você.

Mas você não tem razão nas suas objurgatórias contra... contra aquilo que permanece além das contingências do tempo. Lhe recorde agora (eu que não tenho memória guardei fundo isso...) dois passos da nossa vida comum, quase contraditórios. Um foi nos tempos agudos da sua atividade pública e outro nos tempos agudos da minha atividade pública. O primeiro, você se esforçava por me provar os caminhos do tempo, a verdade e a humanidade deles, eu na minha dolorosa e, meu Deus! talvez culposa indecisão. Me veio de repente uma safadez displicente de grã-finismo e muito a sério eu lhe falei que diante das minhas experiências da nossa civilização, o que eu temia era que uma socialização por baixo da humanidade viria destruir coisas, impossibilitar a existência de coisas que eu reputava igualmente enormes, embora flores de grandeza humana. E dei um exemplo brutal que guardava consigo todos os exemplos mais elevados: um copo de champagne ultra *dry* e ultra gelada. E você também muito ao sério, me respondeu que não! e champanha, como o lençol de linho e um poema subtilíssimo de Rilke, continuariam existindo, só que... pra todos. A resposta era também minha, do meu íntimo, apenas eu não podia nem posso me convencer do "pra todos" e calei minhas experiências. Há uma anedota do meu pai que me diverte bem. Foi quando, recém-casado (o Saia passou por aqui, interrompendo a carta. Veio ver os tra-

balhos de repintura interna de minha casa que pus nas mãos dele) logo nos primeiros dias, minha mãe tinha feito um desses doces gostosíssimos que é tradição da minha família fazer bem. Chegou a hora do doce, ela toda ufana. E papai com o olhar meio perdido, examinou em torno e disse que preferia aquelas bananas que estavam lá no último andar perdido do etager. Depois, mamãe foi chorar de escondido. E no entanto meu pai chegou as maiores sutilezas das matemáticas que adorava e estudou sozinho absolutamente só (papai só teve professor de primeiras letras). Não penso que tiro disto, e podia acumular exemplos e experiências, tiro disto conclusões — apenas me melancoliza o infinito da condição humana.

O outro passo da nossa vida comum foi quando eu abandonava as minhas letras pelo Departamento de Cultura. Você me censurou por isso e achou que não faria nada; fiz tanta coisa... tamanhas coisas... E o resultado da minha experiência vem naquele discurso da Cultura Musical que impressionou tão bem você.

Bem, meu amigo, o que eu digo é que você não tem razão de deblaterar assim contra a arte, as literaturas. A campanha continuará existindo apesar dos Hitleres, hitleres e stálines, apenas condicionada àquela virtude misteriosa dos seres pela qual uns preferem matemáticas com bananas “preferem” não! *exigem* matemáticas com bananas e outros uma champanha com a análise harmoniosa de uma cena de teatro do Sr. Carlos Lacerda, onde está a felicidade?

Você vai me dizer que não se trata de felicidade mas de criar uma justiça humana. Aí eu entro com o meu velho deísmo e jogando covardemente com os milhões de anos da História até março de 1941, *me* pergunto: onde está a justiça? A justiça é uma ceguinha que inscreve na sua militaríssima ordem do dia: HOJE TODOS TERÃO DE GOSTAR DE MATEMÁTICA COM BANANAS. É fatal. Estou convencido que é fatal.

Agora você imagina por isso que nego direito de existência à justiça humana e ceguinha? Deus nos livre! não nego não. Ela também é fatal.

O que eu quero, o que eu amo, o que eu não renego é a sublime safadez da inteligência humana, o despudor, a mentira, o pragmatismo (sempre existente é fatal) da arte. O supremo blefe... a justiça, não será melhor apenas seu jardimzinho? Cultivar seu jardimzinho também?

Carlos, a arte, a criação é também, humana, Carlos. Você anda irregular, inquieto, desigual, desarmonioso. Não naquilo em que você é humano, que nisso todos os honestos andamos

irregulares, mas em si mesmo, naquilo em que você prefere champanha e algum doce ou papas com cinco séculos de tradição conventual. Oh! o nosso dinamismo lírico desta palavra "conventual", o nosso jardim, aquilo em que somos em um — o individuo. Eu não quero é a sua desarmonia interior. Você me diz que as artes andam baratas, "laranjada com sifão". O que interessa não é o laranjismo da arte alheia mas a humanidade da arte aquilo em que ela não é nem Rilke nem matemáticas, não é champanha nem bananas, mas simplesmente tudo isso um direito um exercício de nós todos. Que você trabalhe num empreguinho qualquer, que se interamericanize, à bessa, está muito bem. Mas o apenas exercício oratório dos bares não pode satisfazer a você, não satisfaz você. E o mal nem é você tomar como padrão Shakespeare ou Camões: o mal é esta ambição "orgulhosa e feroz" de querer ficar Shakespeare e Camões somados. Quando a arte é simplesmente humana, um direito, um exercício de nós mesmos. Não importa a pequenez da *nossa* e que os outros fiquem sendo os Camões, não deixo de respirar só porque não tenho a tromba do elefante. Respirar é uma necessidade para mim como o exercício quotidiano da arte. É uma harmonia do ser.

E se Fulano escreve poemas de amor castrado, Sicrano romances de hedonismo ouro, pura preferência por bananas ou doces, nada impede que você faça coisas pelas suas tendências. E veio você triunfante e tripudiante me berrar: Ai é que está! A justiça não deixa! Vou ser preso, me impedirão de publicar a coisa!

Não, Carlos. O tempo, a justiça ou que nome tenha, de agora não impedirá nunca a supremacia da inteligência, a safadez da inteligência, o seu dom subreptício de veneno e deturpação. O que a gente pode fazer com isso... Bonito título pra um estudo crítico: "A Capacidade de Veneno do Professor" — o Professor c'est moi.

Arre que o sofrimento permanece mesmo dentro das maiores harmonias interiores... Mas o que importa é possuir coragem suficiente para não recusar o sofrimento e reconhecer a felicidade da harmonia. Você não se esquece que eu espinafrei você ou nos espinafremos mutuamente. Os amigos ficaram preocupados com o que houve, eu nunca, nem houve sequer nuvem, um cirrus levíssimo entre nós. De resto havia a salvadora irresponsabilidade do álcool.

Estou bem eu já agora. Esta mesma carta o prova. Daqui eu gosto mais de você, do Moacir, do Murilo, do Prudente, porque gosto dentro da minha harmonia, dentro de minhas coisas,

meu lar, meus sobrinhos, e meus livros... um bom whisque (outra vez as bananas!) guardado embaixo de santos de marfim ou pedra-sabão tradicionais. Estou te escrevendo. Estou com saudades do Rio, aquele longing, aquela sehensucht carioca que é gostoso sentir pra matar depois. Estou trabalhando pro Serviço do Patrimônio. Estou preparando um volume de crítica literária. Vou entrar pela "Pancada do Ganzá". Escrevo cartas enormes. Gosto de você com Zilvia. M."

Esta carta parece fundir dois temas que aparentemente são gêmeos mas na verdade são distintos: a liberdade de criação, ou melhor, a liberdade para a criação, fato que pode ou não ser admitido pelos governos, e a naturalidade humana da Arte, justificável *sempre*, na sua eclosão, ou ilusão de eclosão, independente dos padrões dos valores. Carlos, pelo que se subentende na carta, primeiro negava a gratuidade da Arte, ou melhor o seu direito à existência se gratuita e segundo: não perdoava os seus confrades — nem a si mesmo, imagina-se — por não realizarem arte de alto valor... Os dois assuntos são distintos.

Não se pode nem se deve — por lei, pelo menos — impedir a gestação arte medíocre. Podemos imaginar que onde há altos padrões de literatura, a arte medíocre tende a desaparecer, afugentada pelo conhecimento exigente, pelo senso crítico popularizado. Defenda Mário, tanto quanto desejar, o direito dos medíocres fazerem arte, mas se a Arte granjeou e só relativamente por infelicidade, nos países altamente civilizados, um profundo respeito e forte influência, é porque apareceram grandes artistas. Amamos e defendemos a Arte porque sabemos que ela existe como elemento fundamental da aventura humana e é representada por grandes criaturas criadoras. Se não houvesse grandes artistas, defenderíamos o direito de existência da arte, como defendemos o direito de se jogar o dominó. Sem paixão — incolormente. De qualquer modo, há nessa carta trechos admiráveis que provam facilmente a grandeza solitária de Mário de Andrade no campo da nossa literatura estética.

Na referência de Mário ao emprego de Carlos na Inter-Americana há um travo de irritação e essa desaprovação deve ter gerado desentendimentos futuros de que iremos falar mais adiante. Qual seria a causa da sua fobia pela política cultural atrelada à Política da Boa Vizinhança (que eu também servi, trabalhando no Office for Inter-American-Affairs), nessa tarefa especial de defesa da democracia? Queixa latino-americana contra o imperialismo americano? Nesse momento de ameaça totalitária, pareceria inoportuna... O problema do negro nos Estados Unidos ainda candente na época? Esta deve ter sido a razão.

“E nos abraçaremos fidelíssimos” — a amizade entre M. de Andrade e C. Lacerda

Há uma poesia, de sua autoria, que não foi incluída na *Lira Paulistana*, em que critica o intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos e o seu ressentimento de mulato se evidencia.

O grupo de amigos da *Revista Acadêmica* é enumerado no final da epístola, com a exceção de Lúcio Rangel. Numa carta, há pouco mais de um ano antes, dirigida a Murilo Miranda, Mário tenta esclarecer e justificar o seu relacionamento com esses moços literatos, com os quais tinha diferenças de ordem política: “No íntimo, na minha vida de mim, você pode imaginar pra um indivíduo tão pouco “carioca” como eu, tão incapaz de se apoiar no simples sorriso conivente de mil e uma camaradagens, você nem pode imaginar o conforto a defesa e a sublime humildade que me traz a campanha de você. De você, aliás esse sadio leal bem esportivamente áspero caminho que me vem da companhia com que você o Lúcio o Moacyr o Carlos me aceitam sem perderem nada da liberdade de criticar nem de julgar”.

Trata-se assim de um gênero de amizade de intelectual mais velho, liberado de exigências formalistas, afeto de tio solteirão, que é porventura um solitário perpassado por estranhos sentimentos.

Mas o “áspero caminho” podia oferecer durezas difíceis de suportar. O emprego de Carlos Lacerda na agência Inter-Americana iria dar motivo a desentendimento mais grave entre Mário e o seu amigo do Rio. Temos disto, como singular documentação, cópia da carta datilografada remetida a Mário por um ultra-irado Carlos. Esta carta revela bem o seu desabridamento, que me parece um pouco vesânico, a sua forte violência vocabular. A carta é ainda de 41, datada de 11 de outubro. Carlos inicia a sua epístola longa e sulfurosa, contando a razão da mesma e da sua raiva exigente de humilhante reparação. Vamos à transcrição: “Mário. Acabo de saber pelo Rubem, que me autorizou a mencioná-lo, de uma situação profundamente decepcionante, criada por você, que exige uma providência imediata, para preservar a nossa amizade ou desmascará-lo como convém.

Numa roda, em que estavam além de vocês dois, o Sérgio e o Mário Neme, que não conheço, falou-se do professor Vanorden Shaw, o qual fora impedido de exercer a profissão de correspondente da imprensa americana, e, creio, fora também detido algum tempo. Imediatamente você afirmou, com a mais categórica leviandade, de que essa perseguição ao Paul Vanorden Shaw fora devida ao “Almeida”. E explicava: você me contara

que o professor Shaw pretendia organizar linha de artigos brasileiros para os Estados Unidos; (ilegível) referiram essa notícia ao Almeida, que por ser concorrente e com relações do DIP e na Polícia teria obtido essa medida punitiva e restritiva contra o pobre professor Shaw.

Ora, Mário isto é uma infâmia”.

Lacerda desfaz logo a suposta intriga: “Você nunca me contou senão muito por alto qualquer projeto do professor Shaw. O Almeida nem sabe do que se trata e ao ver nos jornais a notícia da punição contra esse professor, veio perguntar-me quem era. O Almeida não é concorrente do professor Shaw, aliás um vulgar cavador, que mistificou vocês todos em São Paulo. O professor Shaw atingido pela ira governamental por ter escrito uma correspondência violenta para Nova York, acerca da prisão de Monteiro Lobato, é o mesmo professor Shaw que durante o primeiro estado de guerra, quando haviam vítimas incontáveis nas prisões, especialmente nas do Partido Democrático de São Paulo, escreveu um artigo dizendo que mandara informar aos intelectuais americanos, que então protestavam contra as barbáries do incipiente fascismo brasileiro, que nada disso existia, que tudo aqui vivia no melhor dos mundos possíveis, que os presos eram bem tratados, etc.”.

A acusação é logo disparada furiosamente: “Ainda assim, crapuloso ou mártir, o Almeida nada tem a ver com isso e você cometeu contra uma pessoa que não conhece, e que só lhe faz gentilezas, e ainda por cima usando do meu nome, uma infâmia dessas que fazem perguntar: em nome do que você poderá condenar o Jorge Amado, seu inimigo declarado, se você assim golpeia, por desfastio ou depravação, os seus amigos e os amigos dos seus amigos?”

O assunto da Inter-Americana é afinal posto na mesa: “Agora aproveito para esclarecer também a questão da Inter-Americana, também objeto de sua inacreditável leviandade. Ao ser convidado para fazer uma conferência patrocinada pelo Instituto, você ouviu toda a explicação acerca dessas conferências, sua organização, como nós organizávamos e pagávamos, fazendo-lhe toda a publicidade, imprimindo depois em folheto, etc. E como éramos uma organização comercial, quem patrocinava era o Instituto, para dar mais prestígio à série de conferências. Você achou ótimo, fez a conferência, aliás excelente, recebeu o cheque correspondente, recebeu os exemplares gratuitos do folheto em que ela foi impressa, teve uma publicidade como

nunca, com declarações nas primeiras páginas dos jornais, etc. e agora tempos passados faz-se de repente virginal para dizer que tudo isso era muito esquisito, a conferência patrocinada pelo Instituto e paga pela Inter-Americana, etc.”. Depois de verberar essa pressuposta atitude indigna, Carlos Lacerda explica a sua nova relação com a democracia americana: “E como você tem feito insinuações acerca da minha posição na campanha de aproximação com os Estados Unidos, afirmando amavelmente eu faço isso “porque preciso viver”, é bom você saiba ao menos aquilo que pode saber, para não levar além essas insinuações.

Ao ser consumada a obra fascista tão vigorosamente apoiada pelos democráticos de São Paulo com a Lei de Segurança e outras, não restaram no Brasil forças organizadas capazes de fazer frente a essa nazificação do país. Só uma força existente, externa que fosse, poderia galvanizar aqui as energias esparsas, e em torno delas criar uma nova consciência, e sobretudo uma nova consciência organizada e pronta para a ação democrática. Quando digo democrática você se arrepia, habituado às piruetas democráticas dos seus amigos aos quais você servia enquanto eles praticavam crimes irreparáveis contra tudo aquilo que hoje faz você gemer de espanto e mágoa impotente. A democracia a que me refiro é outra, evidentemente, mas temos de partir de um ponto qualquer onde haja um mínimo de liberdade. E por esse mínimo estão trabalhando aqueles que não temem suas insinuações tão cômodas, tão fáceis, tão mesquinhas, tão burras, para dizer a palavra exata.

Quando eu combatia o imperialismo americano, você nem sabia o que era isso. Agora é que você descobriu, para efeito de condenar os que trabalham como eu, esse imperialismo, precisamente no momento em que o inimigo não é este imperialismo, mas sim a força nazista, interna e externa!”

E depois de longamente, com exemplos da história contemporânea, justificar o seu apoio aos americanos — apoio fácil de entender, na minha opinião — como “dever de consciência” e afiançar que os julgamentos políticos do incoerente Mário pouco lhe importavam, Carlos assevera, contudo, que não aceitará “as pequenas infâmias” de Mário contra os seus amigos leais. Mário, segundo o seu raivoso amigo, quer atribuir-se pureza inatingível e atribuir aos outros “consciência devassa”, mas se existe realmente consciência devassa é a do próprio Mário no seu papel de “desconversador”. E decerto reportando-se à carta do polígrafo paulista que aqui citamos, o jornalista do Rio afirma: “Sob o pretexto de que certas besteirinhas são problemas que interessam à cultura em sua eternidade, você abre

mão das exigências deste momento e finge esquecer que as exigências de cada momento são o que faz a eternidade da cultura". E depois de chamar Mário "de acadêmico do lado de fora, um acadêmico que bebe chopp e com o chopp consegue a irresponsabilidade suficiente para caluniar, difamar e corromper tudo aquilo que representa sacrifício obscuro, esforço constante, intenção refletida". Atinge a conclusão da carta, que é uma determinação autoritária, atrevida e de mau gosto, o que se poderia chamar "o kitsch da honorabilidade": "Não está ao meu alcance corrigi-lo e transformá-lo em outra criatura como você poderia vir a ser se não deixasse predominar certos traços do seu temperamento e acentuasse o valor de outros mais nobres. Está ao meu alcance, porém, e mais ainda o meu dever evitar que a nossa amizade se desfça e impedir que você se transforme num caluniador da pior espécie, mandando-lhe esta carta — que você fará o favor de ler na minha frente e esperando que você a exhiba ao Sérgio Milliet e ao Mário Neme, o primeiro por me conhecer, o segundo por não me conhecer, a fim de que eles saibam que você foi apenas leviano e que, como não poucas vezes você tem feito, também tem, com a leviandade, a nobreza de reconhecer o seu erro e corrigi-lo a tempo".

É possível que Carlos Lacerda fosse um jovem moralista, inflamado, mas essa carta eu a acho ao mesmo tempo grotesca e repugnante. "A ferocidade é o grotesco a sério", disse Machado de Assis num país onde a ferocidade se mistura com freqüência ao risível... Contudo, de acordo com o testemunho de Moacyr, Mário, que já tinha uma tendência doentia para o sentimento de culpa, sofreu imensamente com essa acusação impiedosa e escreveu, às pessoas envolvidas no assunto, misivas cheias de explicações e excusas.

A terceira carta da coleção — sigo a ordem cronológica — é dirigida a Murilo Miranda e ficou faltando no volume que reuniu a valiosa correspondência de Mário ao jovem editor da *Revista Acadêmica*. E ficou faltando porque deve ter sido emprestada a Carlos, que esqueceu de devolvê-la. Permaneceu assim no arquivo do eloqüente tribuno e importante jornalista. A carta recusa sem muito calor a homenagem que a *Revista Acadêmica* tenciona prestar-lhe e que, aliás, fazia parte de uma série de homenagens programadas por aquela publicação. Havia homenagens, havias pessoas merecedoras de homenagens naquele tempo! Com essa carta a Murilo, Mário envia cópia da sua resposta ao inquérito "Testamento de uma Geração", organizado por Edgard Cavalheiro, e pede, ao amigo e a Moacyr Werneck de Castro, as suas opiniões sobre esse depoimento de madureza.

O mais importante nessa missiva é o que o crítico de *O Empalhador de Passarinho* tem a dizer a respeito de um poema que lhe fora enviado por Murilo. Antevejo nesse parágrafo crítico o julgamento que não vai tardar a merecer a chamada "geração de 45": "Seu poema é bom mas me causa um certo mal-estar. Agora não posso comentar isto, nem tenho as idéias seguras. Não sei, me parece muito "escola" demais, o parnasianismo da volta do Condor... Preciso pensar mais, não no poema propriamente, mas no "caso" dessa poesia nova, vaguemente, misteriosa de aparência profundamente poética não há dúvida mas propensa a um maneirismo". O resto da carta carece de maior interesse.

A quarta carta, de três páginas e meia, é do ponto de vista autobiográfico a mais importante do elenco, pois revela a falta de saúde do autor de *Macunaíma*. Do ponto de vista literário e estético também tem uma certa importância pois trata do aspecto do "brilho" na obra de arte. E tocando nesse tema com agudeza radiografa criticamente Carlos Lacerda, cuja obra literária carecia de silêncio e de sombra, virtudes que vão ser resgatadas no admirável livro de recordações *A Casa do Meu Avô*. A enumeração de males é penosa. Compreendemos melhor, depois da leitura desta Carta a morte prematura de Mário, que provavelmente algumas vezes, em desespero, se entregou a excessos, que deram origem a padecimentos físicos.

O problema do "brilho" é assim expresso na carta destinada a Carlos: "Porém, sua carta tem mais o problema do brilho que você transviou. Quando ataco o seu brilho de você é sempre quando você se mete ruibarbosamente defendendo causas perdidas. Ou inexistentes. Como aquela vez que você atacava, destruiu para mim o livro de Joaquim Ribeiro e a dupla sobre Guerra Holandesa, sem ter lido o livro, se lembra? Você tem dessas coisas: de repente esculhamba um sujeito, um livro, uma idéia sem a menor dose de motivo intelectual legítimo. É quando eu falo então: "Carlos, não brilha não!"

Essa história de brilho é divertida. Os "puros", os que não têm brilho, são vaidosos de sua "simplicidade", da sua "brancura", da sua "pureza". Mas o certo é que por dentro deles têm uma bruta raiva dos que são brilhantes. Eu tenho brilho e si pudesse ter menos diminuiria a dose. Mas estou cada vez peor, você não imagina. As vezes como outro dia num prefácio ruim que escrevi pro livro do Newton Freitas e vai sair assim mesmo fui obrigado a escrever assim mesmo, ainda na doença, pela última data dada pelo Zélio Valverde, eu achei graça em mim, porque teve um momento em que eu me meti

num tamanho cipoal adentro de metáforas, com tantas palavras em sentido figurado, de repente não sabia mais a quantas andava nem podia sair daquela bagunça. Eu tenho brilho sim e me utilizo dele. Adoro os que têm linguagem simples, pensamento escoreito, mas isso não me seria muito útil não, no meu jeito de ver e no destino que me dei. Eu também queria fazer uma obra de arte bem simples, bem limpa e pura mas não pode ser nem isso sou eu, vamos pra diante! Não se preocupe com meu xingo pro seu brilho mas sempre que você se meter defendendo causas perdidas lá irei com o meu "Carlos, não brilha, Carlos! Te aguenta companheiro!"

A carta se encerra com xingo, sim, a Cassiano Ricardo, odiadíssimo nos tempos do Estado Novo e, a meu ver, sem muita razão, porque era pessoa útil até para os que o atacavam. Através do jornal sob a sua direção *A Manhã* do Rio de Janeiro, estimulou um movimento cultural de alta importância. Paradoxalmente, a época do Estado Novo, não obstante polícia, censura, etc., foi uma "Golden Age" da literatura brasileira. Estes tempos de linfática democracia e vazio intelectual são bem diferentes... Fui apresentado ao poeta de "Um Dia Depois do Outro" pelo trotsquista Geraldo Ferraz, ficcionista poderoso, autor da obra-prima desconhecida "KM 63", que foi meu chefe na redação de tradicional e milionária *Tribuna* de Santos. Acompanhou-me, ao encontro, o gravador Lívio Abramo, creio que também trotsquista na ocasião. Em carta, que certa vez me escreveu, Mário de Andrade pôs a poesia de Cassiano Ricardo mais baixa do que se poderia imaginar. É verdade que o meu ilustre xará ainda não tinha escrito as suas obras poéticas da maturidade, a que não faltou um exegeta fino e devotado como o prof. Oswaldino Marques. Mas vamos à fofoca de Mário: "O f. da p. do Cassiano buliu comigo duma maneira de cachorro que é mesmo, no discurso de recepção do Menotti na Academia. Deu a entender que em 1922 eu escrevi ao Menotti uma carta "particular" que se fosse mesmo "particular" seria bastante indecente como cabotinismo. Mas se trata de um artigo que eu publiquei, creio que chamado "Carta Aberta a Menotti Del Picchia", não tenho certeza mas que principiava assim, como o f. da puta citou: carta muito particular. E principiava dizendo que tínhamos feito o barulho da Semana de Arte Moderna só pra ficarmos célebres, e estávamos célebres com efeito, porque os "araras" (sic) tinham caído no que queríamos. Coisa publicada pra irritar e que irritava mesmo. Vi alguém falar nisso engolindo a mentira do f. da p.; explique e desminta.

"E nos abraçaremos fidelíssimos" — a amizade entre M. de Andrade e C. Lacerda

Eu, não vê, que me meto com esse cão. Só em última instância mesmo".

A última carta de Mário, constando no arquivo de Carlos Lacerda, é datada de 17.01.1945. É uma carta serena, afetuosa e parece revelar que o poeta está bem de saúde e bem com a vida. Embora algumas vezes previsse a sua morte como próxima, nesta missiva que escreveu tão próximo do fim, Mário está distante de idéias fúnebres. A epístola demonstra a sua solidariedade de intelectual e de homem fiel às suas amizades. Trata dos preparativos do 1.º Congresso de Escritores, no Brasil, um acontecimento intelectual e político de que, muito jovem, fui assistente. Esse Congresso mostrou a força que podem ter, unidos, os intelectuais brasileiros. Na sua sessão final, no Teatro Municipal de São Paulo, foi lida uma Declaração de Princípios que consagrava o retorno do país à democracia nas vascas do parafascista Estado Novo. O nacionalismo autoritário de Getúlio Vargas era repellido de modo retumbante. Não só de todas as partes do Brasil, mas também do estrangeiro, chegaram mensagem ao Congresso. Personalidades ilustres como Einstein se manifestaram acorçoando a luta "against common facist enemy for free democratic world". Bernanos, de partida para a França, envia, aos congressistas, um telegrama extenso e intenso em que, entre outras coisas, diz: "Desejo todo coração bom êxito vossos trabalhos. Nossa causa aquela todos artistas asseguram custe o que custar liberdade absoluta expressão individual em face de quaisquer formas totalitárias ou partidárias opressão pensamento. Permitti-me acrescentar como francês que desta forma estarei dentro espírito grande movimento 89 tantas vezes incompreendido e atraído mas que nosso povo retomará, mesmo se for preciso dessa vez conduzi-lo até seu fim, até restauração pessoa humana na sua responsabilidade, sua dignidade, seus direitos". Michael Gold, John dos Passos, Waldo Frank, Mark Van Doren, Justo Pastor Benitez e Gabriela Mistral, foram escritores estrangeiros que comungaram com seus colegas brasileiros nesse festival da Democracia. Eis enfim, a simpática epístola: "Carlos, recebi sua carta agora de-tarde quando cheguei do "meu" que é o seu Sítio de Santo Antônio, comprado em dezembro, ainda vinte contos de dívida, tem casa-grande e capela do Século XVII, pertence ao bandeirante Fernão Dias de Barros, me sinto vaidoso de propósito, e que é nosso: é nosso enquanto eu viver. Depois passa ao Brasil e espero que converta aquilo num retiro de artistas, como vou tomar as precauções que venha ser. Bom, mas feita a oferta que é de mano, lhe conto que telefonei imediato ao Sérgio Milliet, garanti lugar pra você em hotel, que

ele se prontificou imediato telefonar Mário Neme e reter seu quarto no hotel. O Congresso, embora não nade em dinheiro pelo que eu sei (sei pouco, sou congressista e... da Comissão de Recepção) garante a hospedagem dos que a não tem. Achei melhor providenciar direto, porque assim você pode trazer a cara-metade, que precisa mesmo ver as ruínas da futura São Paulo. Sei que o Paulo Emílio vai ter gente na casa dele, e eu já tenho dois. Isto fica absolutamente entre nós, porque eu convidei o Guilherme, e você bem sabe com que prazer convidei, quero muito bem o Guilherme, como quero bem vocês, e vocês em qualquer caso da vida, eu tendo pouso, têm pouso também. Mas sucedeu uma coisa que não deixa de ser agradável mas que atrapalhou o meu expediente. Tem um moço gaúcho aí no Rio, não sei si você conhece, o Paulo Armando. Eu conheço mas não sei quem é! Fui apresentado a ele num grupo de mais de vinte rapazes e moças, e voltando para São Paulo um dia recebi uma carta dele precisando de ajuda pra suas dúvidas de escritor, dizendo que era um dos tais da tal conversa. Muito que bem: principiou a correspondência, ele me manda versos, eu mando dizer o que sei e fiquei, é aquele esparramo já querendo bem um rosto vago que se perde inteiramente entre vinte narizes, bocas, olhos, etc. Ora em fins de novembro, recebo uma carta do pai dele, contando que o rapaz estava preso, e por outras vias depois soube que estava apanhando e coisas assim. Imediatamente escrevi ao pai dele, me solidarizando com amor verdadeiro e dizendo que si ele quisesse mandar o rapaz descansar longe do Rio, que mandasse, casa com conforto amigo tinha nesta rua, e mais um sítio sem conforto nenhum mas de acesso difícil, que eu acabava de comprar justo. Logo recebi resposta do pai, que não, que o rapaz já saíra, estava bem, etc. só não me escrevia porque ainda não podia. Bem eis que agora recebo carta de Paulo Armando, depois de eu ter convidado o Guilherme, dizendo que aceitava o meu convite e vinha pro Congresso porque só assim podia vir. Está claro que sustentei firme o convite sem nenhum desgosto, mas é certo que o expediente da casa se atrapalhou bem. Eis a razão do porquê não agarro você também neste momento pois que foi possível solucionar de outra maneira. Irei receber-vos de fraque moral e circunspecção mineira que está na moda, por onde vierdes, avião ou vagão de gado da Central. E nos abraçaremos fidelísimos. Lhe guardo a "Pequena História" que foi também, foi até pelo Martins, mas decerto surripiaram no Jornal. Só pode ser isso pois que os outros dois foram mandados também pelo Martins. E basta que tenho de arranjar esta sala amiga pro patrão e pre-

zado diretor Rodrigo que vem aqui domani. São onze da noite e não posso sair, coisas a arranjar e expedientes pra semana e meia na gandaia, ouvindo discurso. Si render... Um abraço querido por(sic) casal. Mário”.

No Congresso, Carlos teve ação destacada como comprovam os Anais do mesmo, editados pela entidade patrocinadora do evento, a Associação Brasileira de Escritores. Fez parte da Comissão “D”, com seu primo Moacyr Werneck de Castro, Jorge Amado, Astrogildo Pereira, Osório Borba, Prado Kelly, Carlos Drummond de Andrade, Caio Prado Júnior, Paulo Emílio Sales Gomes e outros companheiros de vocação literária.

Façamos agora alguns comentários a essas cartas que registram a história de uma amizade de dois escritores que tinham alguns traços em comum e outros diferentes mas que não chegaram a separá-los. Houve instantes, como já se notou, em que essa amizade periga. Mas de certo a sincera afetividade dos dois e sua admiração mútua resguardam o relacionamento que durou até à morte prematura e até certo ponto inesperada de Mário. Podemos assegurar que a diferença das idades foi causa importante dos desentendimentos que existiram entre ambos. Sem dúvida alguma, teria sido mais fácil a compreensão entre os dois, se o autor da “Elegia de Abril” tivesse conhecido o Carlos do começo da velhice, que escreveu *A Casa de Meu Avô*. Este já era um homem despojado das suas maiores paixões e que revela então uma serena sabedoria. Eram os elementos mais fortes de separação da dupla de amigos: as paixões extremadas de Carlos e uma certa oscilação de espírito de Mário que se prolongava talvez em hedonismo. Os dois homens tiveram como obsessões fundamentais de suas vidas assuntos diversos: Mário dedicou toda sua vida primordialmente à Arte e a sua passagem, pelo Departamento de Cultura, teve o objetivo de levar a Arte — como redenção — ao povo. Diferentemente, a paixão fundamental do inimigo de Getúlio Vargas e do janguismo era a política, que celebrizou o seu nome tanto do ponto de vista positivo como do negativo. Mas o esteta de “O Baile das Quatro Artes”, alheio e de certo modo adverso à vida política brasileira, cuja pobreza mental o político Carlos Lacerda salientou, sabia que a Arte não podia florescer num sistema político destrutivo. E corajosamente na sua famosa conferência “O Movimento Modernista” enfrentou o Estado Novo elitista e aconselhou os jovens, a meu ver com uma certa imprudência: “Marchem com as multidões!” Mas é inteligível e lógico que quis dizer que era hora do povo participar do governo do país, tradicionalmente dominado por elites sem humanidade. E Carlos sempre muito

interessado em arte, especialmente apaixonado por Teatro, possivelmente não obstante a sua consagração intensa e até extremada à política, aconchegaria, no íntimo, o desejo de poder viver só para a Arte. Por conseguinte, os dois amigos seguiam direções diferentes mas os identificam também elementos comuns. E era evidente que mais do que tudo se identificavam basicamente na condição intelectual. Constitucionalmente, ambos eram escritores, literatos, no melhor sentido da palavra. Carlos, apesar da predominância política na sua carreira, foi permanentemente um intelectual. O jornalismo foi a constante da sua vida. Praticou a literatura teatral, escreveu contos e crônicas, fez memorialismo e, no fim da vida, tornou-se editor inovador e criativo. Não nos esqueçamos que a profissão editorial é o que pode haver de mais dinamicamente intelectual.

Infelizmente não contamos com a publicação da correspondência de Carlos Lacerda, como dispomos da de Mário de Andrade já fartamente divulgada. Esperamos que a Nova Fronteira, a editora vitoriosa criada por Carlos Lacerda e que permanece sob a direção exemplar de seus filhos, se disponha a compilar e divulgar as cartas do veemente tribuno e apaixonado intelectual.

As cartas de Mário de Andrade publicadas, sobretudo as que foram enviadas a Murilo Miranda e Moacyr Werneck de Castro, aos leitores atentos e não satisfeitos com as imagens convencionais dos autores, desvelam um Mário íntimo, secreto, diverso do que estamos acostumados a aceitar: uma pessoa eufórica, destemida, iconoclasta na linha de seu antigo companheiro de vanguarda Oswald de Andrade. Já uma informação que essas epístolas oferecem com frequência nos choca: é a da sua constituição física atacada constantemente por moléstias. A visão que mantínhamos da exuberante vitalidade do escritor de *A Escrava que não é Isaura* se desfaz à leitura dessas cartas denunciadoras de enfermidades. Topamos, surpresos e doloridos, um Mário de Andrade valetudinário que, na verdade, resiste ao assédio dos males e, quando liberto deles, se entrega à vida intelectual e até à vida boêmia, com muito calor. Sua obra palpitante, estuante, que parece provir de um epicurista perfeito, na verdade consiste no triunfo de um temperamento autêntico que não se limitava a expor espontaneamente a sua alegria criativa. Realmente, esta aparecia como uma superação de vicissitudes que nunca eram vencidas por completo. Ele já contava com elas e daí ter escrito: "a própria dor é uma felicidade".

Contudo, os males de Mário não eram meramente físicos. Piores ainda se mostravam as suas perturbações de origem

“E nos abraçaremos fidelíssimos” — a amizade entre M. de Andrade e C. Lacerda

psíquica. Um complexo e mórbido sentimento de carência, perplexidade e, possivelmente, perseguição o acossou pela existência em fora. Em julho de 1942, mandou longa carta a Murilo, que começava assim:

“Murilo me desculpe ter-lhe inquietado com as minhas... inquietações: É certo que este ano ando já de vida bastante normal, no que é possível uma vida ser normal numa época desta, mas a crise do ano passado e os golpes danados que tive de aguentar vincaram fundo e decerto por muito tempo. Não é exatamente mania de perseguição, mas uma desconfiança de mim que por vezes chega a verdadeiro medo. É possível que não pareça prós outros, mas eu sei como vivo por dentro. Medo de magoar os amigos, medo de falar coisas que não devo ou não existem senão na minha imaginação, suposições pertinazes de que não gostam mais de mim, que estão se afastando. NÃO faio os admiradores que isso, na vida quotidiana, não me interessam, falo os amigos de verdade, os amigos sobretudo que já viveram algum passado comigo. Tenho verdadeiro pavor de perder esses com que posso falar “você se lembra daquela vez que...”, que é o que faz a casa ter bom alicerce de amor.

O resultado é uma hipersensibilidade... sentimental que faz qualquer coisa, um esquecimento, uma brincadeira, uma ausência tomar proporções catastróficas dentro de mim”.

Moacyr Werneck de Castro, no livro *Mário de Andrade, Exílio no Rio*, testemunho de alta importância, e que devemos à benemerência cultural de José Mindlin — espécie de filantropia tão rara no Brasil —, mostra quão esquivo às confidências íntimas era Mário de Andrade. Assim se manifesta: “(Mário) não raro se largava em confissões sobre sua natureza de escritor e artista, mas sempre escudado no pudor de revelar o que chamava sua “verdade interior”. Moacyr refere-se à “dissimulação” do que considerava “parte do orgulho com que se protegia”.

Não se pense que só no Rio “exilado” caía em crise. Numa carta a Moacyr Werneck de Castro, enviada de São Paulo, onde já se achava reinstalado e entretido com numerosas tarefas intelectuais, que eram para ele normalmente fontes de prazer, o autor de *Macunaíma* fala de um distúrbio nervoso. A origem da perturbação parece-me difícil de compreender: a releitura de velhas crônicas de sua autoria a fim de fazer uma seleção que iria ser editada em livro. Mas vamos ao texto da carta de 1942:

“Moacyr.

Deixei de responder mais cedo à sua última carta, muito deliberadamente. Desta vez o “missivista exemplar” estava carecendo de não escrever a certos amigos mais certos. Se escrevesse, mentia. Vocês já estão arqui-sabidos de que eu estava no fim de um período de desequilíbrio, e eu com vergonha de feitas as promessas e as “juras” de me ajustar a ficar bonzinho, continuar na mesma crise e nas mesmas queixas. De forma que temi, em consciência, escrevendo a certos amigos mais sabidos de mim, a vaidade, a discrição, nem sei, me fazer mentir. Ou não dizer, que também é uma forma de mentira. Então me dismilingui com outros, este derramado coração mole. Principalmente com rapazes muito novos, gentinha me escrevendo e a que, positivamente, uma certa moralidade messiânica, muito minha mesmo, me permitia não me contar senão naquilo em que eu podia ser lição, e não um espírito rebaixado e sem forças bonitas — que é o que eu estava. Espécie de sacrifício muito cristão, “este é o meu corpo, este é o meu sangue, alimentai-vos” que, se não me engano, me fez muito bem.

Porque verdade, seu Moacyr, é que por princípios de novembro, por causa da obrigação de me reler com a encomenda de um livro de crônicas, isso me fez chegar ao auge do desespero de mim. Então é que perdi mesmo o controle, mas completamente. Fiz tais desperdícios, tamanhos escândalos, completamente inconseqüente e leviano. Os amigos se assombraram”. A carta continua, com referência ainda a um recrudescimento da crise, e, por fim, a volta à possível normalidade. O lado intelectual não era prejudicado por essas crises emocionais, de caráter particular. Ele próprio afirma: “Tenho suficiente consciência de mim e (fora das crises) uma bruta de saúde mental, que impede em mim qualquer aspiração a ser mais do que realmente sou”.

A causa desses períodos de desequilíbrio é, julgo, fundamentalmente um complexo de culpa que ele em carta a Moacyr confessa meio brincando, pode-se dizer, assobiando no escuro. Esta referência significativa proveio da sua explicação porque decidiu considerar-se um poeta circunstancial, sem a preocupação da imortalidade. Vejamos o que ele expressa: “Entra tanta coisa nessa decisão: lealdade pra comigo mesmo, medo de sofrer, sensualidade, gosto de viver, esse meu engraçado complexo de culpa que atravessa a minha poesia toda e só agora descobri com a publicação das Poesias”.

“E nos abraçaremos fidelíssimos” — a amizade entre M. de Andrade e C. Lacerda

Não sei realmente o que um complexo de culpa pode ter de engraçado. É evidente que Mário usou esse adjetivo no sentido de “curioso” e de “estranho”. Além disso, penso que o poeta busca um despistamento pois é difícil aceitar que esse autor tão freudiano, tão analítico — tem pontos comuns com Fernando Pessoa — não tivesse percebido em si esse problema psicológico.

Aceito o complexo de culpa, confessado embora de modo enviezado, pensamos naturalmente em qual seria a sua causa. Decerto, a sua “assombrosa”, “quase absurda” sensualidade que Paulo Prado qualificou de “monstruosa” — o que ficamos sabendo por uma carta confidencial enviada por Mário à amiga íntima Oneyda Alvarenga.

“Porres colossais” para lutar contra o sofrimento são referidos em numerosa correspondência. Recorreu também a drogas. “Experimentei de tudo”, confidenciou um dia a Mignone. “Sofro a atração de todos os vícios”, assinala em carta a Paulo Duarte. O “sublime inferno da existência”, de que falou, não era causado, como bem sugeriu Moacyr Werneck de Castro, simplesmente pela perda do cargo do diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, sinal não só da mesquinha política brasileira mas também do nosso tradicional desprezo pela cultura. “Havia outras causas...” Depois de resumir a análise profunda que João Luis Lafetá faz da poesia de Mário, Moacyr propõe: “Ressalta a questão de um componente homossexual de sua personalidade, sugerido na pesquisa de Lafetá”. Nas notas apostas ao capítulo em que trata do assunto, Moacyr faz alusões claras a essa situação penosa mas compreensível. Cita ofensas da “Revista de Antropofagia” (Segunda Denficação) que apresentam esse paradoxo fruto do ódio: uma vanguarda intelectual brandindo lamentáveis preconceitos sociais antigos. No meu estudo “A Grandeza e a Miséria”, de ser Oswald de Andrade digo que o autor de *Serafim Ponte Grande* quando ressentido, era capaz dos insultos mais vis e desumanos.

Leonor de Aguiar, mulher estranha especialmente para a sua época, como notou Francisco De Marchi no artigo que sobre ela escreveu, e a quem Ênio Silveira, com certo exagero, chamou a “Gertrude Stein brasileira”, foi, devido ao seu talento musical e ampla cultura, amiga de Mário de Andrade. Leonor, que na sua conversa contraditória, contrabalançava poemas de Herman Hesse, no original, com a mais baixa pornografia, dizia claramente que Mário, nos seus últimos anos, se dedicava, de preferência, ao “amor grego”. Contou-me Nicanor Miranda que a causa do rompimento de Mário com Oswald fora um artigo deste contra o antigo companheiro, intitulado “Boneca de Pixe”. Em

conversa comigo, Mário referiu-se a esse artigo causador do rompimento mas nada me disse sobre o seu conteúdo, nem citou seu título.

A poesia de Mário, no meu entender, transnuda um entusiasmo pansexual. Seu poema "Rito do Irmão Pequeno", que transmite a atmosfera paradisiaca da Amazônia, concentra um sensorialismo que é, em última análise, uma forma de sensualidade. Esse poema e outros com semelhante clima, fazem-me pensar que o Mário, de educação católica à antiga — e creio que não preciso dizer mais nada — lutava pungentemente com o Mário natural, anterior ao Pecado Original, desejando encontrar no Universo — melhor dizer no Brasil — o Paraíso Terrestre, sem o anjo vingador a brandir a espada de fogo. Moacir Werneck de Castro acha convencionalmente que quem inspirou o poema erótico "O Girassol da Madrugada" — a misteriosa pessoa de quem só conhecemos as iniciais do nome R. G. — foi uma mulher. É possível, mas o que nenhum exegeta do poema notou é que não encontramos, nesse poema, nenhuma referência — nem de ordem gramatical — que garanta que a criatura inspiradora pertencia ao sexo feminino.

Curiosamente, nas suas epístolas, Mário chama continuamente Murilo Miranda de "irmão pequeno", o que faz pensar na possibilidade do poema estar relacionado com o amigo afetuosos.

A figura de Mário de Andrade, que mais se divulgou para o público leitor do país, foi a de bravo desbravador das regiões da cultura, mas ao que demonstra a sua correspondência, ele era um homem tímido e carente do ponto de vista afetivo. É o que podemos perceber à leitura da carta enviada a Murilo Miranda: "Eu quero bem você, e pronto. Afora de qualquer preocupação literária. E, como a *Estrela da Manhã*, do Manuel Bandeira, poluído e safadíssimo, desempregado ou rico, célebre ou reverendíssima besta, o que quer que sejas, companheiro, há um gosto de presença, uma aventura de ser em dois, que já não possa recusar. Bom, de agora em diante, me evite de fazer declarações outra vez que, como bom paulista, sou muito discreto, prefiro deixar que os sentimentos se surpreendam, a dizê-los como árias de ópera, bem pronunciados e gritados na cena, pra qualquer ouvinte". No "Rito do Irmão Pequeno", o que sinto é uma sensualidade difusa, indefinida, que parece renunciar às conjunções físicas e satisfazer-se plenamente no contato epidêmico, na expansão emocional.

E numa carta a Murilo Miranda, explicando o que significam para si os quatro componentes do grupo de amigos da

“E nos abraçaremos fidelíssimos” — a amizade entre M. de Andrade e C. Lacerda

Revista Acadêmica, revela — e isto é que é importante para este estudo — o que pensa e o que sente a respeito do jovem Carlos Lacerda. Transcrevo o trecho significativo da referida missiva de 40: “No íntimo, na minha vida de mim, você não pode imaginar pra um individuo tão pouco carioca como eu, tão incapaz de se apoiar no simples sorriso conivente de mil e uma camaradagem você nem pode imaginar o conforto, a defesa e a sublime humildade que me traz a companhia de você. De você, aliás — esse sadio leal bem esportivamente áspero carinho que me vem da simpatia com você, o Lúcio, o Moacyr, o Carlos me aceitam sem perderem nada da liberdade de criticar nem de julgar. Não se trata de nenhuma espécie de masoquismo espiritual, apenas fico humilde, ou melhor fico repostado em mim na minha inenarrável incompetência de saber o que valho. E também naquela atitude verdadeira com que já nos tempos do Modernismo eu dizia não me interessaram os célebres mas apenas os mais novos, porque destes é que vinha de vir o meu juízo-final. Então irrompem vocês junto a esta minha fragilidade imperfeita vem Moacyr vem a curiosa serenidade dele que parece ter sessenta anos de experiência vem o Lúcio lucilante em sua timidez cômica de estar me atrapalhando, mas estourando de cem em cem metros em juízos tão finos e carícias tão sensíveis; e vem o Carlos gênero “é na batata” com aquela facilidade leal clara, estonteante de julgar firme, dizendo tudo com aquela verdade verbal de grande escritor que já nasceu feito e vem você anjo-da-guarda em carne e osso, com essa paciência iluminada, essa dedicação com que você me acompanha me esclarece, me controla me aguenta me completa num desprendimento tão maravilhoso de si mesmo que a minha vida destes dois anos de Rio, teria sido impossível sem você. Esta é a mais pura das verdades. O que eu devo a você nem chego a ajuizar com integridade, porque são forças permanentes, curtas, dispersas em cada atitude, ato, vontade, sentimento. Olha Murilo, não tenho medo do sentimentalismo; muitas coisas brutais e até cruéis já tenho dito a você me utilizando de minha experiência, e minha idade para refrear um bocado os defeitos de você que ao menos eu considero defeitos. Pois deixe que eu lhe diga assim por carta que é mais fácil, que eu considero você, com todos os seus defeitos, uma das almas mais lindas, mais puras, mais generosas, mais dignas de admiração que mais encontrei”. E depois de, com bela metáfora, acentuar o intercâmbio de estímulos resultante dessa relação afetuosa, pois fala no “reflorestamento do ser interior”, Mário remata o parágrafo com essa declaração lírica, sensibílíssima: “Talvez seja exatamente

pela diferença de idade que melhor nos podemos replantar um ao outro em nossas ilusões e esperanças dizimadas”.

Note-se o simbolismo freudiano na imagem botânica desse período em que o cotidiano vital se transforma naturalmente em literatura. Como deve ser.

Como ficamos vendo por essa carta, Mário tinha a melhor opinião do jovem Carlos Lacerda como intelectual, o que não surpreende. Tenho a impressão de que o autor de “Xanam e outras Histórias” se impunha por seu talento forte, claro e versátil. É lamentável que Carlos tenha sido levado pela sua vocação (ou obsessão) política, que era extremista, pois ter-se-ia realizado exuberantemente na vida artística literária. É verdade que a criação literária representa pouco neste país... Não obstante, o seu elogiado governo no Estado do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda dá-me a impressão de que não ofereceu à política nacional uma rica contribuição por causa das suas atitudes imoderadas. Atitudes que lhe trouxeram os maiores doestos e sabores. No fim de sua carreira política, tentando o pacto com Jango e Juscelino, mostrou o líder fluminense o sucesso que poderia ter obtido se tivesse sido mais compreensivo e conciliador. Mas, nesse ponto, já era tarde demais pois o país caíra em mãos poderosas. Não me convence muito a paixão que, no “Depoimento”, Carlos confessa pela democracia, sentimento forte que o teria levado à conspiração com os militares. Carlos tinha um temperamento forte, porventura autoritário. Descendia de uma das “famílias de mando”, conforme a definição lapidar de Afonso Arinos de Melo Franco. E, no Brasil, o autoritarismo constitui uma tradição, a que as massas ingênuas oriundas do patriarcalismo se acostumaram.

Num artigo sugestivo, Paulo Francis, que tem muitas afinidades com Carlos Lacerda, aponta, no longo domínio de Getúlio, a causa da frustração do fundador da *Tribuna de Imprensa* e sua geração. Quanto a mim, no civil Carlos Lacerda percebo um passionalismo tenentista... A tendência oposicionista do autor de “A Bailarina Solta no Mundo” também teria a ver com a sua constituição de intelectual, com o seu destino de escritor. No Brasil, ou melhor na América Latina, os escritores mais significativos foram sempre agudos críticos sociais e empenharam-se numa luta permanente: a da civilização contra a barbárie. Sarmiento, Euclides, Barreto, Monteiro Lobato...

Carlos começou a sua formação intelectual, pode-se dizer, já na infância, no convívio familiar. A carreira jurídica, as preocupações políticas marcaram sua família. Seu pai Maurício de Lacerda ficou famoso, na nossa primeira República, pela sua

coragem e vanguardismo nas pugnas ideológicas. Seu avô paterno foi ministro da Viação. Dois tios seus foram comunistas ativos. Os Lacerdas constituíam uma família de emocionais. Segundo Carlos, o seu pai, num momento em que teve uma desavença com ele, então ainda rapazinho, teve medo de um passado que ressurgia... Ele próprio, Maurício, na meninice, também tivera um choque com o seu pai. Num retrospecto rápido da vida de Carlos, lembro a famosa frase de Ortega, que relaciona o homem com a sua circunstância. Ingressando na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1932, ele mergulhou no torvelinho abissal das batalhas políticas da década de trinta. Direita e esquerda se digladiavam com fúria e desse conflito insuperável aproveitou-se manhosamente Getúlio Vargas, para, em 1937, impor o Estado Novo, fórmula modernosa do velho autoritarismo caboclo. Com sua natural tendência para o radicalismo, o jovem estudante aliou-se à esquerda, mas incompreensões, desentendimentos, levaram-no a afastar-se dos comunistas. Desde cedo, contudo, o político fluminense revela fortes aspirações literárias. O trabalho de dramaturgo o fascinou durante certo tempo e foi iniciado com “O Rio”, peça apresentada por esse casal apaixonado pelo Teatro: Eugênia e Alvaro Moreyra. Eu assisti à peça “Amapá” — meninos, eu vi! — montada cenicamente por um grupo universitário de teatro dirigido por Décio de Almeida Prado. De modo sistemático, um elemento da *Revista Acadêmica* do Rio unia-se a um elemento da revista *Clima* de São Paulo. A sua peça “A Bailarina Solta no Mundo” obteve uma certa repercussão. É uma pena que não tenha chegado a escrever a sua dramatização de *Os Sertões*, que não chegou a concretizar-se como um prometido romance, de Mário de Andrade. As histórias escritas por Carlos não chegaram a chamar a atenção do nosso público nem da nossa crítica, o que não surpreende, porque há anos a nossa crítica literária se acha quase desaparecida. Nossa imprensa modernizou-se, “esvaziando-se”. Substituiu a participação intelectual pelo marketing. Pode ter feito um bom negócio mas não granjeia o aplauso de quem ainda não se “rinocerantizou”.

O que Carlos Lacerda realmente foi — disto não há dúvida —, foi um grande jornalista. E também se destacou como intelectual culto, moderno, ativo, participante. Sua violência oratória originou-lhe muitos ódios que devem tê-lo feito sofrer, ódios, inclusive, de facções populares politizadas. Ele próprio deixou, como lembrança, o estereótipo de um homem capaz de ódios flamejantes. Disto o acusou o próprio D. Hélder Câmara. Talvez em revide fala Carlos de D. Hélder, parece-me, de ma-

neira injusta. A Carolina Maria de Jesus, a favelada autora do sensacional e internacional *Quarto de Despejo*, que o ofendeu, Carlos nega a autoria da obra famosa. Acidentalmente, no entanto, obtive elementos que me permitem pensar que essa acusação deve ser repelida. Mas não duvido que o autor de "Uma Rosa é uma Rosa é uma Rosa" "tenha sido toda a vida um afetivo, um sentimental. Que, nos últimos anos de sua vida, extinta a obsessão política, mostrou o seu fundo afetuoso, o seu lado de poeta, ficou evidente nesse livro de recordações sensíveis e deliciosas *A Casa de Meu Avó*."

Singularmente, imagina, com toda a delicadeza, a causa da amizade que se criou entre Getúlio velho e o jovem Jango Goulart. Lembrar-se-ia do vínculos que ligaram seu grupo juvenil a Mário de Andrade, já maduro e solitário no Rio? Ou pensaria em si mesmo, homem já de idade mas ainda bem vital e que fazia excursões, rodeado de amigos (alguns jovens), segundo Antônio Carlos Vilaça? Não me furto à transcrição deste trecho revelador: "Então (longe da família) o Getúlio tinha como companheiro, tirando os velhinhos da vizinhança, lá de São Borja, um rapaz chamado João Goulart. Isso o tornou assim confiante dele. Isso o tornou aquele jovem que todo homem velho precisa ter perto de si para lhe trazer um pouco de mocidade, um pouco... enfim, a comparação é um pouco pedante mas... Sócrates e o seu discípulo, alguém a quem transmitir a sua experiência, alguém com quem comentar, alguém com que se pudesse abrir.

Então aquele filho do vizinho que ia visitá-lo toda a noite, que ia tomar mate com ele, comer churrasco com ele, passou a ser o seu confidente, o seu grande amigo".

Como Mário de Andrade, Carlos Lacerda era um cáldo — num mundo em que os mornos e até os frios predominam —, diante dos resultados da criatividade, sobretudo quando ela favorece a parte mais infeliz da humanidade. De modo que confessa o seguinte: "Agora eu queria insistir neste ponto: na emoção que a gente tinha quando chegava num bairro operário, num bairro inteiro sem escola, onde as crianças andavam quilômetros e quilômetros para chegar à escola mais próxima, e você lá ia e inaugurava uma escola. Via chegar a alegria daquela gente, aquelas caras de crioulas e mulatas, aquelas mães com a criança, um negócio que dava uma felicidade na gente, uma sensação de realização, compreende? De auto-realização. Não tem nada no mundo que pague. Para mim, é a sensação mais agradável do mundo". E um pouco mais adiante, explicando-se, afirma: "Gosto de fazer coisas". E, no fim do parágrafo, se

revela de maneira mais clara: “gosto mesmo é de fazer coisas, muito mais do que pensar sobre elas”. Sentença que o esclarece psicologicamente de maneira notável. Concluindo as suas considerações a respeito da experiência vivencial de governar, assevera: “o poder bem exercido, quero dizer com o sentido de servir, com o sentido de doação, de uma entrega absoluta a um dever. É, talvez, um prazer único em seu gênero. É um prazer muito especial. É uma espécie de alegria permanente, mesmo nas horas de indignação”.

Acentuando essa alegria, Carlos manifesta um certo desprezo pela “política no sentido de favor pessoal, no sentido da clientela, no sentido de dar o emprego, em troca do voto ou dar o voto em troca do emprego”.

Deixou evidente, o seu desprezo pelo espírito predominante na política brasileira. Repugnava-lhe a conversa monótona, banal, dos políticos. Aborrecia-lhe nos correligionários a pobreza de idéias, a vaidade e o amor próprio. O festejado tribuno queixa-se da “mediocridade dos interlocutores”. E remata: “Daí o meu tédio enorme pela política”.

Já naquele tempo dava o seu testemunho sobre o congresso, de modo a justificar as recentes abstenções numerosas do eleitorado: “Hoje, há um congresso aberto, um simulacro, uma espécie de pantomima democrática, como circo. Quer dizer, há os gestos da democracia, mas não há a palavra da democracia”. Carlos sintetiza o espírito político do seu tempo, que não mudou no país, da seguinte maneira: “Havia a pobreza de idéia, a incultura, a falta de leitura, a falta de interesse pelos assuntos e pelos problemas”. Expressa-se como um intelectual. E à leitura de *A Casa de Meu Avô*, vamos pouco a pouco e prazerosamente acompanhando a exposição de um espírito sereno e, mais do que isto, sábio.

Acho que Carlos Lacerda, de certo modo, devia agradecer aos militares políticos que o colocaram à margem da política. Talvez o Brasil tenha perdido um bom Presidente da República, o que era o seu sonho supremo e não é cargo tão inatingível pois o próprio Sílvio Santos esteve a ponto de conquistá-lo, mas a verdade é que Carlos Lacerda cassado teve a extraordinária dita de poder se livrar da sua obsessão perturbadora, e, livrando-se dela, pôde encontrar-se consigo mesmo. Pelo menos, no plano filosófico, pode haver triunfo maior?

Há poucos dias, ouvi Herberto Sales dizer que se sentia feliz por estar deixando a vida profissional. Alegrava-se com essa expectativa pois estava cansado de, nas suas diferentes funções, renunciar à sua maneira de ser... O abandono dos cargos

parecia, finalmente, propiciar-lhe o desejado encontro consigo mesmo.

A facilidade com que Carlos Lacerda aceitava a sua missão política não se fazia sem protesto do seu íntimo, da parte mais exigente e insubornável do seu ser.

Como Mário de Andrade, Carlos Lacerda tinha problemas psíquicos. Ninguém imaginaria nesse homem de reconhecida coragem a presença do medo. Com admirável sinceridade, ele o confessa: "Esse medo que me acompanha a vida toda, penso, é que me deu coragem para enfrentar medos menores como agressões e assassinatos. Pois quem resiste ao medo avassalador, indefinido, não precisa temer medos prosaicos, específicos.

O medo acaba por nos fazer companhia e nos afeiçoamos a ele como a um amigo rebelde e imprevisível".

Temos o excepcional prazer do conhecimento da transformação que se deu no escritor, que no momento estudamos, devido a páginas saborosíssimas de memórias constantes do *Livro de Antônio*, de Antônio Carlos Vilaça, obra singular, muito pessoal, prosa fronteira da poesia. Nele, depara-se com a experiência humana misturada à fantasia da Arte. Faz-me lembrar Fellini.

Embora usando pseudônimos relativamente a Carlos — Júlio Tavares e Montezuma, dois dos pseudônimos usados pelo fundador da *Tribuna de Imprensa* —, por compreensível descrição, o memorialista de *O Nariz do Morto* e *O Anel* nos oferece os instantâneos de uma metamorfose. Liberado de seu casção político, do moralismo classe-média da inefável UDN, com seus brigadeiros castos, suas patéticas mal-amadas e seus oradores grandiloquentes da espécie dos Soares de Melo, o teatrólogo de "A Bailarina Solta no Mundo" saltou para a vida autêntica, aspiração existencialista.

No primeiro dos capítulos que trata do seu ilustre amigo e confrade, intitulado "Júlio Tavares", Vilaça radiograficamente expõe esse espírito tão rico e complexo no crepúsculo de sua existência: "Poesia e precisa realidade dão as mãos, neste homem difícil e contraditório, inquieto, ágil, mergulhado na ação (...) Será um homem de ação? Sim, é um homem de ação, um líder por certo, mas também e rigorosamente um intelectual, um homem de livros, da poesia, da gratuidade, da leitura desinteressada, neste ser que é o menos desinteressado dos seres

Fidelidade sobretudo a si mesmo, à sua lei interna, e uma espécie de ânsia de confrontar logo a sua verdade com a verdade da vida, a verdade dos outros, descobrir, descrever, como

“E nos abraçaremos fidelíssimos” — a amizade entre M. de Andrade e C. Lacerda

um navegador, um astronauta, um pesquisador incansável do real.

Pois para ele (parece-me) o que importa é a vida. Sua concepção de jornalista foi sempre a de um intérprete da vida, mas não sei com que de profético.

Mas suas páginas, em que os encontros díspares de uma vida se reúnem e se harmonizam, há um pouco de profetismo e um traço peregrinal. Porque a condição do peregrino é o que há de mais próprio na personalidade inquieta, fluídica, de **Júlio Tavares**”.

Se este trecho lembra o desenho de um espírito, o outro que vou transcrever e extrair de “Viagem a Parati”, o outro relato memorialístico do “Livro de Antônio” que trata de Lacerda, assemelha-se a um filme pelo movimento e imprevisto. Ei-lo: “De repente, Montezuma nos convoca sem mais para sairmos, vamos à noite de Parati. Fomos, pois, em grupo ou bloco, Montezuma à frente, a cantar e dançar, como um inspirado, um duende, um Saci-Pererê. Eu diria que o espírito, brincalhão, de Jaime Ovalle baixara nele, entre fútil e trágico, um ludismo que a mim deixou atônito. Pois fomos. E Montezuma cantava e dançava como um rapaz, um enamorado, todo vivacidade, parecia Carnaval. Nas pedras de Parati me pareceu um risco pular com essa afoiteza toda, irrefletida, espontânea”. Vilaça ficou intrigado “com essa explosão espontânea de vida”. Compreendendo-o. Essa atitude não parece de cidadão respeitável mas de membro do grupo de moral anarquista a “Somaterapia” de Roberto Freire. Por sinal, o estranho romance “Coiole” de Roberto Freire conta a história da esquisita amizade entre um velho intelectual e um rapaz psicologicamente raro e libérrimo.

Retirado da política, à força é claro, Carlos Lacerda, contudo, conquista não só o sucesso na vida prática mas também uma tranqüilidade invejável. Suas reflexões sobre a vida em geral e a sociedade moderna, de modo especial, revelam fina penetração, perspicácia. Disto são um bom exemplo as suas considerações sobre o velho da atualidade, categoria marginalizada num mundo em que os meios de comunicação fazem a cabeça da população, isto é, esvaziam-na e a sinistra providência social brasileira quer dizer desamparo e morte.

Não quero terminar este ensaio sem antes acentuar o talento forte e verstátil do cronista de *O Cão Negro*. E o faço citando julgamentos extraídos da correspondência do criador de *Macunaima*.

Mário, em carta a Murilo Miranda, louva o artigo que Carlos Lacerda escreveu sobre a sua poesia. É mais um aspecto

do intelecto poliédrico do celebrado político e tribuno: a crítica literária. Vejamos como Mário reage à análise que Carlos Lacerda faz da parte de sua obra que considerava decerto a mais importante: "O artigo de Carlos Lacerda quando li aí com você, eu estava meio impermeável, almoço bom, você, a felicidade. Desta vez me comoveu extraordinariamente, senti o gosto de lágrimas. Está claro que não concordo com ele nessa atitude de seccionar assim, com preto e branco, a minha poesia do resto de minha obra. Mas não se trata agora de fazer justiça universitária, se trata de "sinceridade" como ele disse, e eu compreendo porque ele fez assim e sente assim.

E o artigo, vindo dela, de vocês, é um prêmio que eu estava carecendo. Como saíu comovido, ardendo, indicando o fundo humano dos meus versos que é por onde eu ainda posso gostar deles. E há o Carlos, o melhor Carlos. Escrito em cima do joelho, ou não sei de que jeito, o artigo é de uma beleza de estilo, de uma força de paixão humana, de uma eloquência verdadeira intensíssima, nada oratória, verdadeira, convincente. Senti o Carlos daquele artigo publicado também na *Acadêmica*, de que tanto falei com você, uma grande força artística de homem. "Funcional" como eu costumo falar".

Enfim, após tantos mergulhos na matéria viva, crua (vamos chamá-la assim) da correspondência que é vida ignorada que se grava no papel alvo, mallarmaico, que podemos concluir depois de contemplarmos tantos afetos, rancores, incompreensões, moléstias, ideais, sonhos? Haverá um julgamento celeste da "monstruosa sensualidade" de Mário de Andrade ou dos violentos ataques de Carlos Lacerda a seus opositores? A obra literária de Mário de Andrade e a sua criação humanitária do Departamento de Cultura (humanitária, sim, porque estou convicto de que fome, opressão e violência, são frutos indiretos da falta de cultura), não pesarão a seu favor? De igual modo, a inteligência vibrante de Carlos Lacerda, seus atos positivos no governo do Estado do Rio de Janeiro, não intercederão a favor dele, num plano transcendente?

Que posso dizer? Neste mundo que tem prontas tantas respostas — penso nas numerosas religiões que surgiram nos últimos anos —, só ousar fazer perguntas... Portanto, procuramos nas meditações de Antônio Carlos Vilaça, no seu especial *Livro de Antônio*, encontrar se não respostas, ao menos, consolo. Sim, pois, o que buscamos nessas pesquisas, leituras e considerações, é compreensão e perdão. Vilaça interroga-se. Ouçamos essa voz: "Sonhei sempre com a missão. Que missão? Minha missão. Ter missão. Agora estou em dúvida. Não sei se

"E nos abraçaremos fidelíssimos" — a amizade entre M. de Andrade e C. Lacerda

esta minha missão de agora se prolongará. Hesito. Sei que as dificuldades são assustadoras".

O autor de *O Livro de Antônio* considera nossos obstáculos: "A ordem prática é complexa, tanto quanto a ordem da verdade. O homem é imenso. A lei não basta. A lei deve de ser completada pelo amor. Só na ordem do amor tudo se equilibra. Toda a ordem jurídica depende da nossa visão da natureza humana. Portanto, só no perdão dos homens. Sinto que tenho o perdão dos homens, meus irmãos". E o ex-frade inicia assim a sua longa ladainha: "Francisco Alvim, perdoai-me. Paulo Gomide, perdoai-me. Mário de Oliveira perdoai-me". E assim se prolonga a comovente inovação de seus amigos até que remata: "Só o perdão pacifica, restaura".

E, como fecho sentimental deste estudo que busca mais sugerir do que afirmar, transcrevo umas frases de outro amigo de Carlos Lacerda, Di Cavalcanti, por sinal extraídas de uma carta do celebrado pintor ao discutido polígrafo, e que foi datada de 1947: "Deus é bom, inventou a cor azul e as mulheres plácidas. Inventou também a justiça e a amizade. Inventou outras coisas, inclusive o perdão. Nós todos seremos perdoados se fizermos força para isso... Vamos fazer força".